
Da escrita à fala: indícios da presença da escrita no discurso da criança surda

Maria Cecília Bonini Trenche*

Clay Rienzo Balieiro**

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a produção de discurso na clínica fonoaudiológica junto a crianças e jovens com deficiência da audição, segundo a influência da escrita na aquisição e na estruturação da linguagem verbal. Para tanto, as autoras recorrem a: 1. estudos que discutem a interpenetração das modalidades oral e escrita da linguagem, sobretudo no período inicial de letramento, e estudos que tratam da produção de sentidos; 2. às produções gráficas iniciais de uma criança com deficiência auditiva e com significativo atraso no desenvolvimento de linguagem e à narrativa oral de um jovem surdo com bom desempenho escolar e linguagem verbal eficiente. As produções de ambos deixam ver a influência da escrita nos processos de linguagem, sugerindo sua valiosa contribuição nesses processos, desde que modos efetivos de produção da escrita sejam abordados na clínica, opondo-se a uma metodologia centrada na aquisição do código ou nas dificuldades de linguagem apresentadas pela criança surda.

Palavras-chave: fonoaudiologia; linguagem; escrita; deficiência auditiva.

Abstract

The objective of this article is to discuss the production of speech according to the writing influence on the acquisition of the verbal language. For this purpose, authors have researched: 1) papers that discuss the interpenetration of oral and writing modalities and studies that deal with the sense production; 2) papers that oppose the deaf child's with significant language development delay initial graphical productions and a young deaf person's narrative. Both of them show influence in language processes, suggesting that it can be a valuable contribution to these processes, once effective ways of writing production are approached in clinical practice, in opposition to a methodology centered in code acquisition or in the deaf child's language difficulties.

Key-words: speech; language; writing; hearing impairment.

* Professora titular da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP. ** Professora associada da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP.

Resumen

El objetivo de este artículo es discutir la producción del discurso de niños y jóvenes con deficiencia auditiva en la clínica fonoaudiológica, según la influencia de la escrita en la adquisición y en la estructuración del lenguaje verbal. Para tal, las autoras, recurren a: 1) estudios que discuten la interpenetración de las modalidades oral y escrita del lenguaje, principalmente en el principio del letramiento y estudios que abordan la producción de sentidos; 2) a las primeras producciones gráficas de un niño sordo con significativo retraso en el desarrollo de lenguaje y a la narrativa oral de un joven sordo con buen aprovechamiento escolar y lenguaje verbal eficiente. Las producciones de ambos muestran la influencia de la escritura en los procesos de lenguaje, sugiriendo su valiosa contribución en estos procesos, desde que técnicas efectivas de producción de escritura sean abordadas en la clínica, oponiéndose a una metodología que se centró en la adquisición del código o en las dificultades de lenguaje presentadas por el niño sordo.

Palabras clave: fonoaudiología; escritura; deficiencia auditiva.

Introdução

Na sociedade em que vivemos, a escrita é um bem social essencial à sobrevivência, uma ferramenta indispensável no cotidiano de qualquer cidadão. A despeito da relevância da escrita no âmbito da inclusão educacional e social de crianças com deficiência auditiva, no campo fonoaudiológico, a investigação sobre esse aspecto ainda versa sobre suas dificuldades com a leitura e a escrita e a superação de tais dificuldades. Contrapondo-se a essa visão, temos enfatizado um trabalho sobre a produção da escrita e não sobre o produto do sujeito que escreve, bem como a inserção da escrita em condições legitimadas para a produção desse discurso.

Neste artigo, nosso objetivo é discutir a influência da escrita na aquisição e na estruturação da linguagem verbal, respectivamente de uma criança e de um jovem, ambos com deficiência auditiva. Tanto a narrativa do jovem, quanto o processo de aquisição da escrita da criança chamaram a atenção das autoras, em função das marcas da escrita na oralidade, levando-as a focalizar o olhar sobre tal acontecimento.

Escrita e oralidade

Segundo Berger e Balbo (1997), independentemente da língua e da abordagem adotadas para a educação e o desenvolvimento da criança com deficiência de audição, a escrita aparece como uma urgência absoluta, um fator que permite à pessoa com surdez falar de seu lugar de sujeito e superar seu drama principal, que é aceder à polissemia da língua.

A apropriação dos bens culturais numa sociedade letrada passa necessariamente pelo domínio progressivo da escrita, de práticas discursivas determinadas pelo discurso da escrita. Mas as respostas dadas a essa questão remetem, de uma maneira geral, à aquisição do código. No que concerne à criança com deficiência auditiva e o aprendizado da escrita, tanto na clínica como na escola, predominou por longo tempo a busca do método eficaz para que a criança pudesse, a despeito de seus problemas com a oralidade, aprender a ler, escrever, dominar o português escrito.

Nas décadas de 70 e 80, muitas crianças com deficiência auditiva tiveram o processo de alfabetização retardado porque a escola, de um modo geral, pressupunha que a oralidade fosse pré-requisito para a aquisição da escrita. A oralização era considerada uma condição intrínseca da leitura. Escrever implicava transformar sons em sinais gráficos e ler, transformar sinais gráficos em sons. As relações entre fala e escrita centravam-se principalmente no código. O domínio da escrita era analisado quanto às habilidades de leitura e escrita com ênfase no reconhecimento, organização e memorização dos mecanismos grafo-fonêmicos dessa modalidade, com passagem obrigatória pela oralidade, raramente dominada por crianças com deficiência auditiva acentuada, por volta dos sete anos, quando geralmente se inicia o processo formal de aquisição da escrita.

A superação da relação de dependência da escrita à oralidade começou a ser alcançada a partir dos estudos de Ferreiro (1987), que promoveram a compreensão da relação de interdependência

desses sistemas. Sob esse enfoque, no processo de alfabetização, deixou-se de privilegiar a codificação e decodificação de sinais gráficos para respeitar o processo de simbolização, no qual a criança gradualmente percebe o que a escrita representa (Tfouni, 2004).

A visão da escrita enquanto representação da fala vem sendo superada, e, hoje, novas concepções de língua e linguagem permitem compreender escrita e oralidade como um conjunto de práticas sociais (Marchuschi, 2001). Uma não representa a outra, porque cada uma tem características próprias. Acompanhando a argumentação do referido autor, a escrita não reproduz alguns fenômenos da oralidade como a prosódia, a gestualidade, a expressão corporal. Por outro lado, nela estão presentes elementos significativos, tais como a formatação padrão inerente a diferentes gêneros. Essas diferenças, no entanto, não sustentam posições dicotômicas ou polarizadoras, pois a oralidade e a escrita são modalidades de um mesmo sistema linguístico. Tanto o domínio da oralidade quanto o da escrita dependem de práticas sociais, instâncias em que se constituem os sentidos¹.

Em relação ao período inicial de aprendizado formal da escrita pela criança, De Lemos (1992) criticou o enfoque habitualmente dado pela escola à oposição oralidade/escrita, ao ser tratada como ruptura e não como parte do processo de aquisição e uso da linguagem. A autora chama a atenção para a incoerência de algumas práticas escolares que, ao mesmo tempo em que pressupõem a transparência dessa relação, focalizando o processo de alfabetização apenas na correspondência fonema-grafema, a contradizem, reprovando o aluno por “escrever como fala”. Na concepção da autora, práticas discursivas orais fazem parte do processo de aquisição da escrita, oferecendo à criança lugares e modos de participação. Quando os diferentes modos de participação da criança ganham sentidos, permitem a construção de uma relação com a escrita não só como prática discursiva, mas também como objeto sobre o qual se realiza um trabalho.

Gallo (1994) apontou para a natureza discursiva da escrita da criança, desde sempre. No caso daquelas já afetadas pelo processo de alfabetiza-

ção, observou que, ao produzirem algo semelhante a pictogramas, não perdem de vista o discurso em que se inseriram, como, por exemplo, escrever uma carta. Quando passam a produzir fragmentos gráficos, esses também ganham sentido no discurso em que se inscrevem – o que a criança lê não corresponde ao que está escrito, mas produz um efeito de sentido adequado ao discurso de inscrição. Para a autora, isso é uma demonstração de que a posição de sujeito de um discurso é assumida antes que possa escrever silábica ou alfabeticamente.

Costa (1997), ao estudar o processo de letramento, apontou que a passagem da oralidade à escrita é um processo dialético que pode manifestar-se de forma oral ou escrita. Considerou que a passagem da oralidade para a escrita se dá pela apropriação de gêneros discursivos mais complexos, uma vez que, no processo de letramento, os gêneros primários atuam como mediadores de construções discursivas mais estáveis, mais complexas e historicamente cristalizadas: os gêneros secundários. Segundo Tfouni (2004), no discurso oral pode haver características do discurso escrito e vice-versa.

As mudanças de concepção de linguagem, e, conseqüentemente, de escrita, provocam importantes reflexões acerca da relação surdez e escrita (Balieiro, 2000). Ao contrário das abordagens clássicas de estudo da linguagem de crianças surdas, que ressaltavam as dificuldades e falhas encontradas em suas produções textuais, estudos recentes apontam a importância de um trabalho sobre a posição-autor do próprio discurso (Trenche, 1998; Balieiro, 2000). As autoras, de sua posição clínico-terapêutica diante de crianças e jovens com deficiência auditiva, entendem que oralidade e escrita se constituem em práticas e usos da língua que se complementam. Entre escrita e oralidade põe-se um eixo de um *continuum* sócio-histórico de práticas, conforme propôs Marchuschi (2001), entrecruzando fala e escrita.

Para fundamentar essa posição, trabalharemos a seguir com produções gráficas iniciais de uma criança surda com significativo atraso no desenvolvimento de linguagem e com a narrativa oral de um jovem surdo com bom desempenho escolar e linguagem verbal eficiente. As produções de am-

¹ Segundo o autor, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”. Oralidade e escrita fazem parte do mesmo sistema da língua, são realizações de uma mesma gramática, mas apresentam diferenças do ponto de vista semiológico.

bos deixam ver a influência da escrita nos processos de linguagem, sugerindo sua valiosa contribuição nesses processos, quando a abordagem clínica não se restringe a focalizar a aquisição do código ou possíveis dificuldades, mas se atém a fornecer e trabalhar as condições de produção dessa modalidade de linguagem – a situação e função social, os interlocutores, o gênero lingüístico entre outros.

O método utilizado na clínica significa e re-significa experiências de diálogo, de conversas, entendendo o uso da língua (português oral) como dispositivo para inserir social e culturalmente a criança com deficiência de audição. De acordo com as práticas de letramento, trabalha-se também a escrita em sua faceta institucional, como produção textual-discursiva.

Material e métodos

Serão discutidas duas situações, a narrativa de João, aos 19 anos de idade, e duas produções escritas de José, aos 6 anos de idade.

Sobre João

Jovem fluente na linguagem oral, apresenta deficiência auditiva congênita e progressiva; aos 3 anos de idade foi diagnosticada perda auditiva de grau severo, que aos 7 anos evoluiu para grau profundo. Desde o diagnóstico, utilizou aparelhos de amplificação sonora e recebeu atendimento fonoaudiológico com ênfase na linguagem oral. Frequentou escola regular e seu processo de aprendizagem foi favorecido pela escrita.

O material utilizado neste estudo refere-se ao trecho de uma narrativa oral de João, gravada em vídeo e transcrita. O depoimento oral passou pelo processo de retextualização, conforme proposto por Marchuschi (2001).

Seguimos o procedimento utilizado pelo autor para analisar o grau de consciência de usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita, denominado retextualização. O fluxo de ações proposto vai da produção oral original – texto base, até a produção escrita – ao texto final, passando por duas etapas: a primeira de simples transcrição e a segunda chamada de retextualização.² Na transcrição da narrativa de João, usamos pontuação apenas para as pausas claramente marcadas. Para a retextualização, em função de nossos objetivos,³ não aplicamos o modelo completo constituído de nove operações⁴ organizadas em dois conjuntos – operações que seguem regras de regularização e idealização e operações que seguem regras de transformação.

Para realizar a retextualização do discurso de João, focalizamos apenas as operações que seguem regras de regularização e idealização,⁵ que se fundam, conforme o autor, nas estratégias de eliminação e inserção, a saber: a) eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística);⁶ b) introdução de pontuação com base na intuição fornecida pela entonação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia); c) retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases, pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação lingüística); d) introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção).

Sobre José

José apresenta perda auditiva neurosensorial profunda adquirida aos 2 anos de idade devido à meningite. Por ocasião dos registros das

² É preciso dizer que o autor fez seu estudo trabalhando apenas com transcrições de fitas cassete.

³ O autor propõe esse modelo como metodologia de trabalho para uma melhor compreensão da oralidade em sua relação com a escrita.

⁴ Para mais informações, ver Marchuschi (2001, pp. 74-125).

⁵ O procedimento descrito por Marchuschi (2001) realiza nove operações: as quatro primeiras abrangem regras de regularização e idealização e as outras cinco seguem regras de transformação (estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação). Como o objetivo do uso desse procedimento era verificar as marcas da escrita no discurso oral, usamos apenas as operações de regularização e idealização.

⁶ Segundo Marchuschi (2001), “neste conjunto de operações ocorre a eliminação de marcas interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística)”. Dessa forma são eliminados: hesitações (por exemplo, de ah.. e.e.), elementos lexicalizados ou não lexicalizados e típicos de conversação (por exemplo “sim”, “né”, “sabe”, segmentos de palavras iniciadas e não concluídas (hesitação) e sobreposições.

sessões clínicas utilizadas neste estudo, não tinha aproveitamento para a percepção de fala a partir dos dispositivos eletrônicos adaptados e bastante restrição no processo de aquisição de linguagem, tanto para a modalidade oral como para língua de sinais. Apresentava pouca disponibilidade para o encontro com o outro, colocando-se geralmente na perspectiva de quem deve ser compreendido.

Desde os 5 anos de idade, José passou a “ler” revistinhas da Turma da Mônica. As histórias em quadrinhos tomaram o lugar de um “outro” que circulou nas sessões de atendimento. A criança manipulava os gibis observando os quadrinhos de forma seqüencial, e algumas leituras passaram a ser acompanhadas de risos divertidos. Por vezes, compartilhava o acontecimento com a terapeuta, mostrando o quadrinho que havia provocado o riso. Esses foram os únicos momentos compartilhados, pois a leitura dos gibis foi se configurando nas sessões como um ato solitário. As revistas ficaram à disposição para serem escolhidas e levadas para casa.

Considerando o interesse da criança, nas sessões de atendimento foi disponibilizado o CD-ROM *A turma da Mônica*, de Maurício de Souza (tal material contém desenhos de personagens, local/situações, editor de texto).

O material de José trazido para análise refere-se a dois tipos de produção no contexto clínico fonoaudiológico: uma produção gráfica que foi utilizada por ele para manifestar um desejo e a produção de dois textos realizados com o auxílio do CD-ROM *A turma da Mônica*.

A análise do material foi realizada com base na identificação dos elementos logográficos, icônicos, pictóricos que fazem parte do gênero histórias em quadrinhos, na interdiscursividade e o discurso presente no texto elaborado.

Análise e discussão

A seguir, acompanhando os autores que apontam a interpenetração de processos de letramento e oralidade, realizaremos análise de uma narrativa. Conforme procedimento descrito, o primeiro texto refere-se à produção oral, texto-base sobre o qual trabalhamos com a retextualização, resultando no segundo texto, com indicações das transformações necessárias para formatá-lo como texto escrito.

Narrativa oral de João, 19 anos:

Vou falar sobre minha infância... É... eu lembro muita coisa... lá na minha casa eu sou a pessoa que tem uma memória ... muito forte.. eu tenho muitas lembranças da minha vida..., até da minha, da minha ... operação... uma cirurgia que eu tive aqui no pescoço, com dois anos de idade... foi aqui em São Paulo... foi quando conversando com minha irmã, há pouco, há poucas semanas atrás. Ela estava... é... deitada na cama... no quarto dela... que ela tinha feito uma cirurgia, ela não podia fazer muitos movimentos, movimentos bruscos. Eu me sentei ao lado dela, pra conversar com ela e como ela já tinha feito a cirurgia eu queria tocar no assunto e falei pra ela coisas do meu passado, da cirurgia que eu fiz em São Paulo. Então.... tava eu, minha mãe, meu pai, e contei fatos que passou na cirurgia. Conte pra minha irmã que quando eu... estava preparado pra cirurgia me colocaram numa maca, não sei o nome, é uma cama hospitalar...

Vou falar sobre minha infância. Lembro de muita coisa. Na minha casa, sou a pessoa que tem memória muito forte. Tenho muitas lembranças de minha vida, lembro até de uma cirurgia que fiz no pescoço com dois anos de idade, em São Paulo. Conversando com minha irmã, há poucas semanas atrás, que estava deitada na cama em seu quarto porque tinha feito uma, uma cirurgia e não podia fazer movimentos bruscos, sentei-me ao lado dela, pois queria tocar no assunto. Falei coisas sobre o meu passado, sobre a cirurgia que fiz em São Paulo. Estávamos, eu, minha mãe, meu pai e contei fatos que se passaram na cirurgia. Conte que quando eu estava preparado para a cirurgia me colocaram numa maca.

Analisando a narrativa de João, pode-se dizer que se trata, obviamente, de discurso da oralidade e não da escrita, guardando marcas da oralidade, tais como referência ao contexto físico e o uso do pronome egóico com certa freqüência.

A operação de retextualização evidencia a necessidade de poucas transformações, uma vez que a narrativa oral de João apresenta pequena ocorrência de marcas da oralidade do tipo hesitações, repetições, justaposições, elementos interativos, uso de gíria e vocabulário do cotidiano. Nossa hipótese é de que a elaboração de sua fala se faz principalmente em função da *escrita* e não somente apoiada em estratégias que comumente permeiam o diálogo oral.

Interpretamos esse modo de produzir o discurso oral como efeito não só da condição sensorial

desse jovem, mas, sobretudo, do processo pelo qual comumente crianças com deficiência auditiva que desenvolvem linguagem oral passam. Para essas crianças, o processo de aquisição de escrita se dá praticamente concomitante ao processo de constituição da linguagem oral, interferindo e ampliando as possibilidades de o sujeito trabalhar com e sobre a linguagem. Clinicamente, temos observado que as dificuldades de acesso a determinados recursos lingüísticos da oralidade podem ser superadas pelo viés da escrita, desde que tratada de uma perspectiva discursiva. Os efeitos de sentido podem ser produzidos a partir desse recurso, que permite trazer fatos e acontecimentos do mundo para o contexto terapêutico. A linguagem trabalhada por esse viés leva também à sistematização da língua. A análise da narrativa de João nos permite assim observar que a escrita, por seu papel estruturante e organizador, deixou marcas na oralidade.

Produções de José, 6 anos

A escrita, para além da preocupação com o código, deixa marcas importantes na constituição da significação e do sentido para José. Ao lembrar que José geralmente expressava seus desejos apoiando-se fortemente no contexto situacional imediato ou em gestos representativos e que acenar negativamente com a cabeça era uma de suas reações mais freqüentes, foi extremamente interessante vê-lo recorrer a ícones presentes nas histórias em quadrinhos para expressar a negação ou para falar sobre um sentimento específico.

A primeira manifestação gráfica ocorre quando José utiliza-se de um papel em branco, desenha um balão (do tipo que representa a fala), escreve *não* com bastante pressão em resposta ao convite da terapeuta e encerra o assunto. Essa grafia pode ser entendida como expressão verbal simbólica (palavra) para expressar um desejo.

Já a segunda manifestação ocorreu para expressar um sentimento: a criança desenha um balão tremido (representando que o personagem que toma a palavra está furioso/ bravo), mostra o desenho à terapeuta, acompanhando-se da mesma expressão facial.

Nas duas produções aqui destacadas, José recorre a recursos do gênero história em quadrinhos,

apreendidos em suas leituras. Se nos remetermos aos aspectos teóricos discutidos, podemos ver uma interpenetração de processos e de modalidades de linguagem na construção do significado e do sentido. Embora essas duas manifestações de José não tenham sido oralizadas, não temos dúvida de que foram, em uma instância dialógica, utilizadas como fala.

De acordo com Marchuschi (2001), a fala e a escrita se constituem numa dimensão multissistêmica, isto é, a fala se serve, entre outros, de gestualidade, mímica, prosódia e a escrita da cor, tamanho, forma de letras e dos símbolos, assim também de elementos logográficos, icônicos e pictóricos como objetivos expressivos. Consideramos, em acordo com o autor, que fala e escrita podem ser instâncias de atualização da língua nas atividades sociointerativas do cotidiano.

Acompanhando Costa (1997), a relação oralidade e escrita pode ser compreendida à época do letramento como um processo dialético, descontínuo, em que o apoio na oralidade atua como mediador das produções escritas. No caso aqui estudado, o gênero história em quadrinhos alavancou o processo de letramento, a produção de significação e sentido. A produção dialógica entre criança e terapeuta passa a ser fortemente mediada pela interpenetração escrita/oralidade, quando a criança recorre à escrita veiculada nesse gênero para responder e mesmo narrar.

A interpretação das produções da criança, sem ênfase sobre a forma, no período inicial da aprendizagem, conforme apontado por de Lemos (1992), possibilita, segundo nosso ponto de vista, que a criança ocupe a posição ativa de formulação do discurso, uma vez que aquilo que escreve faz sentido para alguém.

Observe-se, na cena a seguir, de autoria de José, uma produção discursiva que mostra os efeitos das diversas leituras: as características dos personagens retratadas pela animosidade entre Mônica e Cebolinha. Mais do que isso, uma situação discursiva está instaurada. Cebolinha, com um sorriso amarelo, é surpreendido por Mônica com seu coelhinho ao pichar o muro. A voz que vem de dentro de cada personagem é representada em letras maiúsculas dentro dos balões, conforme mostra a Figura 1.

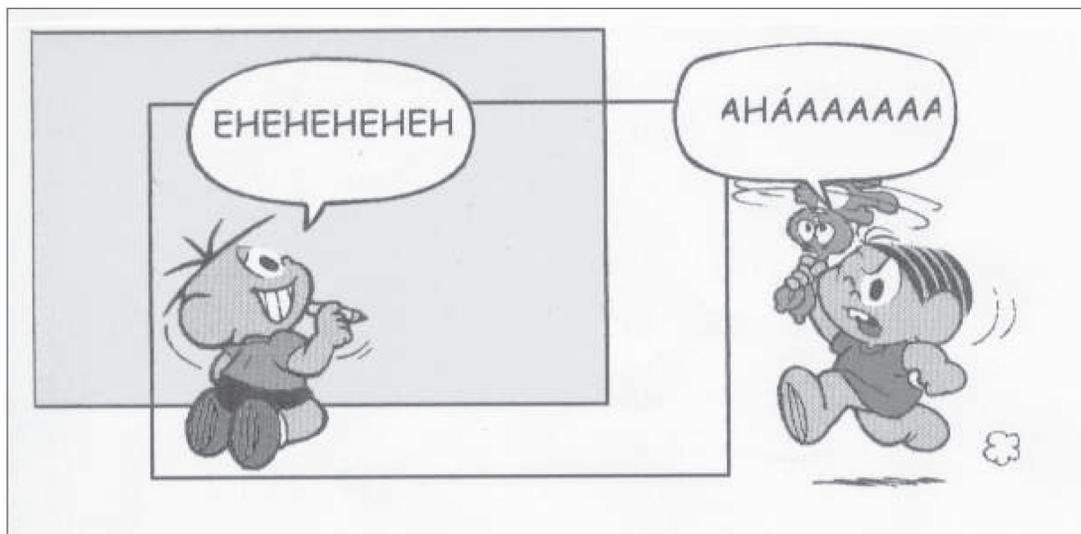


Figura 1

A Figura 2 mostra a montagem de uma cena em que as palavras escritas dentro do balão são solicitadas à terapeuta a partir de algumas tentativas gráficas interpretadas pela terapeuta como “banana”, o que fez com que a criança desistisse de seus propósitos e substituisse a palavra “bobona”

(inicialmente escolhida) e não devidamente interpretada, por “gorducha e baixinha”. Durante o processo de construção da história, José mostra à terapeuta o bebê e a água, depois indica que o Cebolinha e a Mônica estão brigando. Traz então um novo personagem – o anjo – para proteger o bebê.



Figura 2

Essas duas situações mostram que José recorre a várias histórias lidas, ou seja, à escrita para produzir o seu discurso. Os recursos lingüísticos da escrita são apreendidos e relacionados com o que ocorre no diálogo, com o que ocorre nas rela-

ções interpessoais. Esses recursos encontram-se presentes de modo explícito nas histórias em quadrinhos, que trabalham essa relação oralidade e escrita de modo lúdico, a partir de uma formatação específica, suas marcas logográficas.



Considerações finais

Discutimos, neste artigo, uma proposta de trabalho com a linguagem oral e escrita voltada a crianças com deficiência auditiva, proposta essa não centrada no déficit, na carência ou dificuldades, mas numa abordagem que possibilita à criança práticas discursivas contextualizadas, nas quais pode assumir diferentes posições: de leitor, de autor e, por que não?, de sujeito, a partir da produção da leitura e da escrita.

Importante esclarecer que a oralidade, diferentemente de um trabalho tradicional, focalizado nos aspectos falhos e desviantes da linguagem, é trabalhada (como a escrita) como prática real de usos da língua, ou seja, práticas discursivas, nas quais interação e interpretação estão imbricadas.

Em nossa prática clínica, de onde derivaram os casos apresentados, temos observado que a prática da escrita trabalhada nessa perspectiva deixa marcas na oralidade de crianças e jovens surdos, sinalizando seu papel estruturante e seu potencial na captação de recursos que, por meio da linguagem oral, seriam mais difíceis de ser apreendidos.

Referências

- Berges J, Balbo G. A psicanálise e a criança. 2ª.ed.. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
- Balieiro CR. Vamos publicar um livro?: a pessoa deficiente auditiva e a escrita na clínica fonoaudiológica [tese]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2000.
- Costa SR. A construção do letramento escolar: um processo de apropriação de gêneros [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1997.
- De Lemos CG. Prefácio. In: Kato MA. A concepção da escrita pela criança. 2ª.ed.. Campinas (SP): Pontes; 1992. p.9-14.
- Ferreiro E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez; 1987.
- Gallo SL. Como apreender essa matéria: análise discursiva do texto na escola [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 1994.
- Marchuschi LA. Da fala para a escrita: atividades de retextualização 3ª.ed.. São Paulo: Cortez; 2001.
- Orlandi EP. A linguagem e seu funcionamento. Campinas (SP): Pontes; 1987.
- Pecheux M. Discurso: estrutura ou acontecimento?. Campinas (SP): Pontes; 1990.
- Tfouni LV. Letramento e alfabetização. 6ª.ed. São Paulo: Cortez; 2004.
- Trenche MCB. A inclusão da criança surda no ensino comum. Dist.urb Comun 1998;10(1):9-19.

Recebido em junho/05; aprovado em março/06.

Endereço para correspondência

Maria Cecília Bonini Trenche
Rua Álvaro Rodrigues, 364, casa 1, São Paulo, SP
CEP 04582-000

E-mail: cecilia@trenche.com.br

